



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas -
FATECS

FREDERICO GOMES
THIAGO HENRIQUE DE SOUZA HERRERA

**DOCUMENTÁRIO CASA TERRA
UM CHAMADO PARA A VIDA SUSTENTÁVEL**

**Brasília
2014**

FREDERICO GOMES
THIAGO HENRIQUE DE SOUZA HERRERA

**DOCUMENTÁRIO CASA TERRA:
UM CHAMADO PARA A VIDA SUSTENTÁVEL**

Projeto de produto de documentário como requisito para a conclusão do curso de Comunicação Social da Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.
Orientadora: Profa. Dra. Katrine Boaventura

**Brasília
2014**

FREDERICO GOMES
THIAGO HENRIQUE DE SOUZA HERRERA

**DOCUMENTÁRIO CASA TERRA:
UM CHAMADO PARA A VIDA SUSTENTÁVEL**

Projeto de produto de documentário apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB como requisito para a conclusão do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.
Orientadora: Profa. Dra. Katrine Boaventura

Brasília, 06 de junho de 2014.

Banca Examinadora

Profa. Katrine Boaventura

Prof. André Ramos

Prof. Lourenço Cardoso

AGRADECIMENTO

Às nossas famílias, as quais nos suprem diariamente, material e afetosamente.

A todos os entrevistados, por seu tempo e contribuição.

A toda a equipe de edição de vídeo do UniCEUB, pela paciência e prontidão em ajudar.

À nossa orientadora, Katrine Boaventura, por seu esforço em nos atender da melhor forma possível.

A todos aqueles que sentem que fizeram parte deste projeto, de alguma forma, contribuindo direta ou indiretamente.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo propor uma reflexão sobre a forma como o ser humano vive na Terra e utiliza os seus recursos naturais, a partir da realização de um documentário. Para isso, são tratados alguns temas relacionados à sustentabilidade, como a permacultura e a bioconstrução, que resgatam uma série de técnicas e princípios primitivos capazes de integrar a vida do homem à natureza, sem degradá-la. O documentário também levanta algumas questões relacionadas ao modelo de vida urbano, como o consumismo, a produção exagerada de lixo e suas consequências. Os recursos da Terra são finitos, e o modo como o homem está fazendo uso deles é insustentável, por não haver a devolução do que é retirado do meio, ocorrendo apenas a extração. Segundo os especialistas, o planeta corre o risco de entrar em colapso se não houver uma mudança no pensamento referente a alguns paradigmas socioambientais ultrapassados que estão em vigor, e o pensamento sustentável pode ser o começo para uma nova forma de ver e lidar com o mundo.

Palavras-chave: Sustentabilidade. Permacultura. Bioconstrução. Lixo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 JUSTIFICATIVA	8
3 OBJETIVOS	9
4 REFERENCIAL TEÓRICO	10
4.1 O GÊNERO DOCUMENTAL	10
4.2 PERMACULTURA E BIOCONSTRUÇÃO	11
4.3 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E URBANIZAÇÃO	13
4.4 A QUESTÃO DO LIXO NAS CIDADES	14
5 METODOLOGIA	16
5.1 PRÉ-PRODUÇÃO	16
5.2 PRODUÇÃO	16
5.3 PÓS-PRODUÇÃO	17
6 CRONOGRAMA	18
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20
APÊNDICE A - ROTEIRO	21

1 INTRODUÇÃO

A sociedade moderna encontra-se fundamentada em um modelo de desenvolvimento socioeconômico limitado e sem autonomia de recursos hídricos e energéticos. Ao longo dos anos, uma série de "medidas econômicas equivocadas de bem-estar e progresso" (HOLMGREN, 2013, p. 4) deram origem a uma cultura predominantemente consumista. O problema do consumo inconsciente é que enquanto há disponibilidade para um, há escassez para outro. Segundo Braun (2005, p. 8), uma cidade europeia do século XXI possui um padrão de consumo pelo menos quarenta vezes mais elevado no que diz respeito a água, luz, eletricidade, bens e serviços, em comparação com as comunidades primitivas. Países ricos precisam em média de 6 hectares para atenderem a suas necessidades, e sabendo que a Terra possui hoje mais de 7 bilhões de habitantes conclui-se que seriam necessários mais de 42 bilhões de hectares para suprir o mesmo padrão de consumo no mundo todo. No entanto, a Terra possui apenas 13 bilhões de hectares (BRAUN, 2005, p. 8). Isto nos dá uma ideia do quanto estamos sobrecarregando o planeta.

O homem primitivo, atraído pela ilusão de melhores condições e qualidade de vida, migrou do campo e passou a viver em cidades, que logo tornaram-se sinônimos de modernidade e futuro. De acordo com Ferraz (2004, p. 78), as cidades do mundo todo ocupam 2% da superfície terrestre e, no entanto, são responsáveis por consumir 75% dos recursos naturais da Terra, "quer em forma de alimentos, combustíveis, água, quer em recursos humanos". O avanço da tecnologia trouxe uma suposta ideia de progresso, que conduziu à elevação do custo de vida e ao aumento do poder aquisitivo das pessoas. Produzindo-se e comprando-se mais, também cresceu em igual proporção o volume do lixo que produzimos, que hoje é motivo de grave preocupação para a saúde pública.

Em tempos de consumismo e descaso ambiental, há quem questione o modo de vida tradicional urbano, por basear-se em um modelo insustentável e finito, pela forma como extrai e administra os recursos naturais. Com isso, o pensamento sustentável deu origem a formas alternativas de vida, que têm quebrado os

paradigmas atuais no tocante às formas convencionais de morar, conviver e manejar a terra. Exemplo disso são as inúmeras ecovilas espalhadas pelo mundo, que reúnem indivíduos preocupados em lidar de forma saudável com o solo, a água e as pessoas, baseados nos princípios e da permacultura e técnicas de bioconstrução.

O presente documentário pretende levantar questões de relevância socioambiental no século XXI no que diz respeito a paradigmas que precisam ser repensados, como o modelo de vida praticado nas cidades, a forma como o homem tem se relacionado com o meio em que vive, habita e tira seu alimento e também a destinação que tem dado ao lixo que produz. Desse modo, formas alternativas de vida, aliadas a técnicas sustentáveis de baixo impacto ambiental, podem ser a solução para a preservação e perpetuação da vida no planeta, além da possibilidade da criação de ambientes mais justos e igualitários, capazes de suprir as necessidades de todos os seus habitantes das gerações presentes e futuras. O documentário busca mostrar, portanto, de que forma a permacultura e a bioconstrução oferecem a possibilidade de se viver de forma sustentável, preservar o meio ambiente, gerir adequadamente o lixo e causar menos impactos negativos ao planeta.

2 JUSTIFICATIVA

Os recursos naturais da Terra são finitos e, se continuarmos a extrair, produzir e poluir de forma desordenada, o esgotamento deles é questão de tempo. Diferentemente do homem primitivo, o homem moderno passou a considerar-se como parte dissociada da natureza. Segundo Holmgren (2013, p. 6):

A crise ambiental é real e de uma magnitude que certamente transformará a sociedade industrial global moderna de modo sem precedentes. Nesse processo, o bem-estar e até mesmo a sobrevivência da população mundial em expansão estão diretamente ameaçados.

No entanto, graças à disseminação de práticas sustentáveis, muitos têm alterado sua forma de pensar. A consciência do papel social e planetário dos seres humanos tem incentivado o retorno do homem moderno ao campo e o resgate de modelos primitivos de vida. Cientes desta necessidade eminente, essas pessoas decidiram adotar novos paradigmas ambientais, que primam pela "melhoria da situação planetária e necessidade de ver e pensar as coisas de uma forma mais abrangente" (BRAUN, 2005, p. 14). Técnicas permaculturais e de bioconstrução possibilitam tirar o máximo de proveito da terra causando o mínimo de impacto ambiental, além de dar utilidade e destinação correta para o lixo produzido, suprindo a humanidade com alimento e água de qualidade e energias renováveis que são mais baratas.

Pelas possibilidades que a linguagem audiovisual traz no que diz respeito à exposição dos problemas em questão, optamos pelo documentário como forma de abordar o assunto, por se tratar de um formato tradicionalmente conhecido e eficaz, capaz de a maior proporcionar compreensão possível acerca da situação.

3 OBJETIVOS

O presente trabalho busca abordar o problema da sustentabilidade por meio de um produto audiovisual, o documentário, proporcionando maior visibilidade às questões ambientais. Entre os objetivos específicos, podemos elencar:

- Mostrar a possibilidade de modelos alternativos de vida, harmônicos com a natureza e não degradantes do meio;
- Documentar as técnicas e princípios da permacultura e da bioconstrução como alternativa aos paradigmas socioambientais vigentes;
- Levar o espectador à reflexão sobre a insustentabilidade do modelo atual de vida praticado nas cidades.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 O GÊNERO DOCUMENTAL

O documentário é normalmente utilizado como instrumento de investigação ou de trabalho de campo, podendo ter um roteiro, que nasce após a coleta de imagens. Segundo Comparato (1998, p. 341), o documentário é um tipo de roteiro imparcial, baseado na verdade, na genuína exposição dos fatos tais como eles são. Não pretende, portanto, convencer, mas levar o espectador à reflexão.

Bill Nichols (2007, p. 20) reitera o fato de a tradição do documentário estar enraizada na autenticidade, porém, isto não quer dizer que este gênero fílmico seja desprovido de opinião, ao contrário, muitos documentários enfatizam a originalidade ou a percepção de mundo do cineasta. Muitos deles têm, inclusive, a intenção de nos fazer adotar uma perspectiva ou ponto de vista.

Os documentários podem ser classificados em: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático (NICHOLS, 2007, p. 135). De acordo com o Nichols, o cineasta é livre para se utilizar de qualquer um dos vários modos documentais existentes, podendo, inclusive, mesclar mais de um no mesmo filme.

O modo expositivo privilegia a argumentação retórica mais do que a estética, dirigindo-se diretamente ao espectador "com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história" (NICHOLS, 2007, p. 142). Sua estrutura segue uma lógica, que é transmitida por meio da narração. As imagens tem papel secundário e servem para ilustrar, esclarecer, evocar ou contrapor o que é dito (NICHOLS, 2007, p. 143). Segundo Nichols (2007, p. 144), "o documentário expositivo é o modo ideal para transmitir informações ou mobilizar apoio dentro de uma estrutura preexistente ao filme", característica que se torna útil quando se busca apresentar novos conceitos ao público, ou novas ideias.

O modo reflexivo tem foco nas relações entre cineasta e espectador. De acordo com Nichols (2007, p. 164), este modo "toma a forma de realismo físico, psicológico e emocional por meio de técnicas de montagem [...], desenvolvimento de personagem e estrutura narrativa". Estabelecer uma conexão com o público é importante para que o mesmo esteja aberto a receber e identificar-se com as informações apresentadas.

De acordo com a classificação de Nichols, acreditamos serem estes dois modos, expositivo e reflexivo, os principais norteadores da linguagem do documentário Casa Terra. Por apresentar conceitos e ideias inéditas para muitos, a exposição dos fatos é precisa ser clara, para que o espectador, ciente do que foi abordado seja levado à introspecção, reflexão e possível mudança de atitude.

4.2 PERMACULTURA E BIOCONSTRUÇÃO

Concebida nos anos 70, na Austrália, pelos cientistas Bill Mollison e David Holmgren, a permacultura pode ser entendida como um sistema de desenho para ambientes sustentáveis e também uma forma ecologicamente correta de se viver. O termo é derivado da contração das palavras inglesas *permanent* e *culture*, que significam, literalmente, cultura permanente. A ética permacultural fundamenta-se sob "o cuidado com a terra (solo, florestas e águas), o cuidado com as pessoas (cuidar de si mesmo, parentes e comunidades) e a partilha justa (estabelecer limites para o consumo e reprodução e redistribuir o excedente) (HOLMGREN, 2013, p. 8). Entre outros pontos que também são levados em consideração pela permacultura estão a preocupação com a produção dos insumos necessários à nossa sobrevivência, por meio da agricultura orgânica; e a forma como usamos os recursos naturais, vivemos, habitamos e nos organizamos. Segundo Holmgren (2013, p. 3), a permacultura consiste em:

Paisagens conscientemente desenhadas que reproduzem padrões e relações encontradas na natureza e que, ao mesmo tempo, produzem alimentos, fibras e energia em abundância e suficientes para prover as necessidades locais. As pessoas, suas edificações e a forma como se organizam são questões centrais para a permacultura.

Assim, por meio de práticas como agricultura orgânica, bioconstrução, uso de energias limpas e renováveis, tratamento, aproveitamento, racionamento e armazenamento de água da chuva e compostagem, para citar algumas, a permacultura abrange questões referentes à produção alimentar, à habitação, à geração de energia e à gestão da água e do lixo. O conceito primordial que gira em torno da permacultura é o de fechar ciclos, devolvendo ao meio o que dele é retirado e assim minimizando os desperdícios. Um ciclo é algo fechado, que se sustenta por si só e se preserva, infinita ou permanentemente. Este conceito busca enxergar as possibilidades de usos alternativos para produtos e refugos humanos, para que tenham sempre mais de uma utilidade e possam ser reaproveitados. A reciclagem da matéria permite mais disponibilidade, por tempo indeterminado, e abundância de recursos, sem que haja o esgotamento do solo.

A bioconstrução consiste em um conjunto de técnicas de engenharia e *design* de baixo impacto ambiental que vêm como alternativa às técnicas de alvenaria comumente usadas nas construções convencionais. Para que se alcance a máxima eficiência energética, é importante considerar a disponibilidade de recursos no ambiente, ou seja, que materiais ou matérias-primas encontram-se em maior abundância naquele local.

Geralmente, a terra é um material abundante e mal aproveitado, por isso, na bioconstrução é comum a construção de casas e estruturas de terra, pura ou misturada. O superadobe é uma técnica derivada dos tijolos de adobe da antiguidade, constituídos basicamente de terra, água e palha. A terra é colocada em sacos de polipropileno e pilada, e as paredes, são constituídas por vários destes sacos empilhados. Devido à maleabilidade do polipropileno, que com o tempo se degrada e some, é possível moldar quase todo o tipo de formato que se deseja. Entre os benefícios de se construir com terra estão o conforto térmico natural, o baixo impacto ambiental, o baixo custo da matéria-prima e mão de obra e a durabilidade, entre outros.

4.3 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E URBANIZAÇÃO

A população mundial aumenta de forma desenfreada e com ela, as demandas por espaço nos centros urbanos. Para alocar estes contingentes humanos, o homem desmata grandes áreas verdes para a construção de complexos habitacionais que, além de nocivos ao meio ambiente, são acessíveis apenas a uma parcela pequena da sociedade devido ao seu alto custo de implementação e manutenção. Segundo Leff (2011, p. 15), a evolução dos paradigmas ambientais ao longo dos anos teve início com a percepção da falsa ideia de progresso decorrente da insustentabilidade dos modelos urbanos. Acerca disso, afirma Leff (2011, p. 287):

Nada mais insustentável do que o fato urbano. A cidade converteu-se, pelo capital, em lugar onde se aglomera a produção, se congestionam o consumo, se amontoa a população e se degrada a energia. Os processos urbanos se alimentam da superexploração dos recursos naturais, da desestruturação do entorno ecológico, do dessecamento dos lençóis freáticos, da sucção dos recursos hídricos, da saturação do ar e da acumulação de lixo.

O modelo industrial dos grandes centros urbanos preocupa-se em produzir bens que atendam a necessidades imediatas, sem levar em conta o descarte e o tempo de degradação no meio. O resultado disso são rios poluídos por esgotos, proliferação de doenças, esgotamento dos recursos naturais e conseqüentemente a diminuição da qualidade de vida. Para Leff (2011, p. 294), "a sustentabilidade depende de como se extraem e como se transformam os recursos [...], o que se produz e como se produz, o que se consome e como se consome". Neste contexto, é interessante observar que as sociedades primitivas eram verdadeiros modelos de sustentabilidade porque viviam integradas à natureza, adaptando-se a ela e não o contrário.

Para Braun (2007, p. 12), o desenvolvimento sustentável deve contemplar os aspectos natural/ecológico, social e econômico, de forma interligada e harmoniosa, e somente será possível se houver primeiramente uma mudança no interior de cada indivíduo. O autoconhecimento torna o ser humano consciente de suas responsabilidades para consigo, para com o próximo e para com o planeta.

Somente a partir da década de 1970 o pensamento do homem atinge um patamar no qual a preocupação com a natureza passa a ser uma necessidade. Desde então, foram realizadas diversas conferências mundiais chamando a atenção para a prática do desenvolvimento sustentável e a redução dos impactos ambientais. Em 1972, foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, na Suécia, onde pela primeira vez debateu-se os limites da racionalidade econômica e o desenvolvimento sustentável como forma de combate à degradação ambiental e melhora na qualidade de vida humana.

Nos anos seguintes, outras importantes conferências foram realizadas, com destaque para a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida como Rio-92, realizada no Rio de Janeiro, em junho de 1992, onde foi elaborada e aprovada a Agenda 21¹, e formalizado o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis, que contou com a participação de mais de 120 chefes de Estado e representação de mais de 170 países. Segundo Hammes (2004, p.11), a educação ambiental é importante para a formação de cidadãos conscientes, tanto local quanto globalmente, acerca de suas responsabilidades socioambientais.

4.4 A QUESTÃO DO LIXO NAS CIDADES

É mole você tá sentado lá na tua casa, na frente da televisão, consumindo o que você quer e jogando seu lixinho, e botar lá na rua porque o caminhão do lixo vai passar. Mas, pra onde vai esse lixo? - *Magna, catadora da Associação dos Catadores do Aterro Municipal de Jardim Gramacho - ACAMJG - RJ (LIXO, 2009)*

A questão do lixo nas cidades é preocupante não só para o meio ambiente mas para a saúde pública. Geralmente, o lixo produzido pelas famílias é jogado nas lixeiras de casa, coletado por caminhões e levado a aterros e lixões, onde é acumulado e contamina o solo, os lençóis freáticos e a atmosfera. Dos 12 mil lixões existentes no Brasil, 63% ficam na beira de rios e mananciais. De todo o lixo produzido no país, 76% são depositados ao ar livre, 13% seguem para aterro

¹ Agenda 21: programa global para regulamentar o processo de desenvolvimento com base nos princípios da sustentabilidade (LEFF, 2011, p. 20).

controlado e apenas 11% para aterro sanitário (ERBE; PERES, 2004, p. 144). Nos aterros, os catadores separam da matéria orgânica os materiais que podem ser reciclados, como alguns plásticos do tipo PET, papel, papelão e alumínio. Esse trabalho é importante porque, além de aumentar a vida útil dos aterros, reduz em grande parte a quantidade de resíduos que não teriam outra função no meio a não ser esperar seu processo de decomposição que, no caso de um copinho plástico descartável, pode levar até cem anos.

Estima-se que a população mundial tenha ultrapassado os 7 bilhões de pessoas, e para 2050 estão previstos 10 bilhões de seres humanos (HAMMES, 2004, p. 141). Inevitavelmente, isto representará um aumento em igual proporção do volume de lixo produzido e descartado. Os aterros hoje representam uma alternativa para a questão do lixo nas cidades, porém, ainda são precários e insuficientes para receber o montante de material que recebem diariamente podendo entrar em colapso em curto e médio prazo se nada for feito (PESSOA; HAMMES, 2004, p. 89). A questão do volume de lixo é tão importante quanto a questão da quantidade, já que o lixo ocupa espaço físico no meio. Segundo Hammes (2004, p. 80), a cultura do "tudo descartável" (produtos descartáveis, amizades descartáveis, amores descartáveis, vidas descartáveis) precisa ser revista.

As inúmeras ecovilas espalhadas pelo Brasil e, além delas, um número cada vez maior de pessoas, que estão mudando os seus hábitos, são a prova de que é plenamente possível viver com menos, seja no campo ou na cidade, primando pelo necessário (reduzir), dando preferência a produtos biodegradáveis ou que possam ser utilizados mais de uma vez (reutilizar), separando o lixo seco do lixo orgânico para facilitar o seu reaproveitamento (reciclar) e ter consciência de que nossos filhos herdarão este mundo tal como cuidarmos dele (repensar). Para Barba e Gallego (apud Ferraz, 2004, p. 81), "reduzir o consumo não significa viver pior, [...], mas dar a cada objeto seu valor real e analisar sua utilidade antes de adquiri-lo. Seguramente podemos viver com bem menos objetos supérfluos do que imaginamos". Infelizmente, sabemos que os problemas só incomodam quando chegam dentro de nossas casas, no entanto, é preciso perceber que o problema já chegou à nossa casa e bate à porta. Cuidemos da nossa Casa Terra.

Deleti pois não queria que ficasse sozinho em uma só página.

5 METODOLOGIA

5.1 PRÉ-PRODUÇÃO

O processo de pré-produção teve início após a fase de geração de ideias com a professora Claudia Busato, em sala de aula no ano de 2013. A proposta de fazer um documentário era quase certa desde o começo do semestre. O tema "sustentabilidade", no entanto, somente surgiu em 2014, a partir do interesse pelo assunto e pela relevância perante à situação atual.

Os equipamentos, todos próprios, usados nas gravações foram:

- Câmera Canon T2i
- Câmera Canon 6D
- Lentes Canon 50mm f/1.4, 18-55mm f/3.5 e sigma 8mm f/3.5
- Flash 580ExII
- Cartão de memória Transcend 32GB Classe 10
- Microfone/gravador Zoom H4
- Tripé - Manfrotto

Após a reunião de material bibliográfico e equipamentos de gravação audiovisual, o grupo agendou visitas no Sítio Geranium e no Aterro da Estrutural, ambos no DF, e visitou o Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (IPEC), em Pirenópolis-GO, para coleta de imagens e entrevistas. Simultaneamente foi realizada a revisão da literatura sobre o assunto.

5.2 PRODUÇÃO

O início da produção do filme deu-se no final de março, por meio de contato telefônico com amigos, chácaras e centros permaculturais conhecidos no DF, em busca de entrevistas e locais para coletar imagens. Ligamos para três centros permaculturais conhecidos no DF e, dentre eles, decidimos pelo Sítio Geranium, até

então desconhecido por nós, localizado no núcleo rural de Taguatinga. Por meio de e-mails, marcamos uma visita para o dia 21 de março, às 8h, para coleta de imagens e entrevista com os guias pedagógicos que trabalham lá. Não foi possível conversar com os donos do sítio devido à falta de disponibilidade dos mesmos no dia. Após a visita guiada, foram entrevistados Derlayne Roque, engenheira ambiental, e Daniel Lucena, biólogo e educador, ambos formados pela UnB e guias do Sítio Geranium.

No dia 25 de março, foi enviado um e-mail à sede do Sistema de Limpeza Urbana (SLU) para verificar a possibilidade de marcar uma entrevista com um responsável pela coleta seletiva e que pudesse nos falar sobre o lixo no DF. Ao longo de uma semana de contato por meio eletrônico, conseguimos uma autorização por escrito para visitar e filmar no aterro controlado da Estrutural, mais conhecido como Lixão da Estrutural, o lugar para onde vai todo o lixo do DF. A visita aconteceu no dia 1º de abril. Fomos recepcionados por Galego, um dos responsáveis diretos do aterro, que solicitou ao pessoal da segurança que nos levasse, de carro, e que nos acompanhassem enquanto fazíamos as imagens. Na volta, entrevistamos o gerente de aterro do Sistema de Limpeza Urbana, Cícero Gomes.

Em 6 de abril, viajamos de carro até as proximidades de Pirenópolis-GO para filmar no Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado, o IPEC. O instituto oferece visita guiada, gratuita e sem agendamento prévio no primeiro domingo de cada mês, motivo pelo qual optamos por esta data, primeiro domingo de abril. Nosso guia foi Alex Fonseca, gestor ambiental, e ao final do percurso, nós o entrevistamos. A visita aconteceu às 10h do dia 6 de abril e, no final da tarde do mesmo dia, retornamos a Brasília.

As imagens foram decupadas em casa por nós e editadas na ilha de edição de vídeo do UniCEUB, com o auxílio de técnicos.

5.3 PÓS-PRODUÇÃO

As edições ocorreram entre a segunda semana de abril e a primeira semana de maio. O fechamento do filme, no entanto, só ocorreu no dia 23 de maio, devido a inúmeros ajustes por que o produto precisou passar.

6 CRONOGRAMA

Atividade	Fev/2014	Mar/2014	Abr/2014	Mai/2014
Revisão Bibliográfica	X			
Entrega do Projeto de Pesquisa para orientadora	X			
Pré-Produção		X		
Produção - Coleta de imagens (Campo)			X	
Pós-Produção				X

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há anos que o ser humano lida com a natureza. Por muito tempo, teve de aprender a se adaptar a ela, pois disso dependia a sua sobrevivência. O passar dos anos deu ao homem uma sensação de poder e controle, com o surgimento de tecnologias que lhe permitiram imitar e sintetizar artificialmente alguns recursos naturais e insumos essenciais à vida. Com tantas novidades exteriores, não houve tempo ou interesse de se buscar uma evolução interior e, assim, a essência da vida foi perdida. Na visão de Holmgren (2013, p. 6), é como se o homem tivesse embarcado em uma grande viagem de balão, para longe da Terra, sem saber ao certo aonde queria chegar e, em um determinado ponto, deu-se conta de que estava completamente perdido e longe de casa.

Acreditamos que a humanidade tem passado por um processo de despertar interior e resgate de valores relacionados à forma como vê e pensa o mundo. Durante a produção do documentário Casa Terra, foi possível perceber que muitas pessoas já acordaram para a necessidade de repensar a forma como o homem vive e lida com o meio. Dessa forma, a possibilidade de um modo de vida menos impactante à natureza e mais harmonioso entre os homens é real e eminente.

REFERÊNCIAS

BRAUN, Ricardo. **Novos paradigmas ambientais**: desenvolvimento ao ponto sustentável. 2. ed. atual. Petrópolis: Vozes, 2005.

CHIAVENATO, J. J. **O massacre da natureza**. São Paulo: Moderna, 1989.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CUNHA, S. B.; GUERRA, A. J. T. **A questão ambiental**: diferentes abordagens. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ERBE, M.C.L.; PERES, A.E. Resíduos urbanos: uma abordagem sistêmica. In: HAMMES, V.S. (Ed.). **Ver**: percepção do diagnóstico ambiental. São Paulo: Globo, 2004. p. 141-145. v. 3.

FERRAZ, J.M.G. Modo de vida e impactos ambientais globais. In: HAMMES, V.S. (Ed.). **Julgar**: percepção do impacto ambiental. São Paulo: Globo, 2004. p. 87-93. v. 4.

HOLMGREN, David. **Os fundamentos da permacultura**: um resumo dos conceitos e princípios apresentados no livro 'princípios e caminhos da permacultura além da sustentabilidade'. Tradução de Alexander Van Parys Piergili e Amantino Ramos de Freitas. Ecosystemas, 2013.

JACINTHO, C. R. S. **A agroecologia, a permacultura e o paradigma ecológico na extensão rural**: uma experiência no assentamento colônia I – Padre Bernardo - Goiás. 2007. 38f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LIXO extraordinário. Produção de Angus Aynsley, Hank Levine. Rio de Janeiro: Almega Projects e O2 Filmes, 2009. 99min. Disponível em: <www.lixoextraordinario.net>. Acesso em: 2 maio 2014.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2007.
PESSOA, M.C.P.Y; HAMMES, V.S. Precisamos viver em meio a tanto lixo? In: HAMMES, V.S. (Ed.). **Julgar**: percepção do impacto ambiental. São Paulo: Globo, 2004. p. 87-93. v. 4.

APÊNDICE A - ROTEIRO

TÉCNICA	IMAGEM
(00:00 - 00:10)	Título "Casa Terra: um chamado para a vida sustentável". Árvores, flores e plantas
(00:14 - 00:20)	Homem varrendo folhas secas com rastelo.
(00:20 - 00:38) GC: Derlayne Roque, engenheira ambiental - Sítio Geranium	Hoje em dia muitas pessoas já estão saturadas de viver no concreto, como se diz, né, de não ter contato com a natureza, sair de casa e ir pro engarrafamento e, enfim, todas as questões associadas, que é stress, depressão...
(00:38 - 00:58) GC: Daniel Lucena, bioólogo - Sítio Geranium	O distanciamento da natureza causa uma vida artificial, e uma vida artificial causa diversos problemas. e o nosso distanciamento a artificialização da vida traz uma serie de transtornos que a gente vê hoje, que está aí evidente, explícito, na sociedade moderna.
(00:55 - 01:41)	Imagens de transeuntes e comerciantes na Rodoviária do Plano Piloto, trânsito congestionado em vias do DF, música de tensão.
(01:41)	Título "Permacultura"
(01:42 - 01:59)	DANIEL - A permacultura, como algo que o próprio nome diz, é uma cultura permanente, ela propõe que vivamos em sistemas sustentáveis, ou seja, que perdurem por longo tempo e também sistemas que possam se retroalimentar.
(01:59 - 2:20) GC: Alex Fonseca, gestor ambiental - IPEC	ALEX - Ela trabalha em três eixos principais: o cuidado com o meio ambiente, o cuidado com as pessoas e a distribuição dos excedentes. Ela trabalha principalmente com o foco no desenvolvimento de tecnologias que visam a sustentabilidade, tecnologias sociais sustentáveis.
(02:21 - 03:54)	DANIEL - O banheiro seco, vamos dizer assim, tem tantas características que o diferem de um banheiro convencional. Uma delas é

	<p>que ele não utiliza água, por isso o nome "banheiro seco". Mas ele surge como uma alternativa de uma destinação final aos efluentes domésticos, ao esgoto. Então basicamente a pessoa ela faz a sua necessidade ali, mistura ali a cerragem com o papel higiênico, que tem principalmente o elemento químico carbono, que junto com as fezes que têm nitrogênio, formam uma combinação chave para a decomposição pelos microorganismos. Então ali a pessoa faz suas necessidades fisiológicas e contando com a presença dos microorganismos e com a ajuda desse papel higiênico e cerragem, e virado, o banheiro seco ele fica virado para o sol para aumentar as reações de decomposição, dali ele vai gerar um composto, um adubo. No caso, um adubo de fezes humanas que, se passando pelo processo adequado de estabilização desse adubo, ele praticamente se torna inócuo para as culturas, para a horticultura, vamos dizer assim.</p>
(03:54 - 04:30)	<p>Funcionários realizando o processo de colheita e lavagem de vegetais produzidos no Sítio Geranium.</p>
(04:31 - 05:33)	<p>DERLAYNE - Na permacultura tem também a preocupação com a segurança alimentar. Se você trabalha a questão de trabalhar a terra, de trabalhar o solo, a água, você também está trabalhando a questão da saúde, porque quando você cuida da terra onde você vai plantar, você sabe que aquele alimento ele vai produzir de uma forma em que o alimento vai ser saudável. Aqui no sítio a gente trabalha com agricultura orgânica, que não é apenas a questão de não colocar veneno, pesticida, agrotóxico, não é apenas essa questão. Os orgânicos eles trabalham muito mais a questão de você cuidar do solo em</p>

	<p>que você tá trabalhando, o tipo de adubo que você insere ali no sistema e também a preservação da água em si, que você tá usando ali no sistema. Você não se preocupa apenas com irrigação, você também está preocupado com a recarga do lençol freático, você está preocupado com várias outras questões que envolvem água.</p>
(05:33 - 05:54)	<p>DANIEL - Porque a permacultura, ela leva em consideração o gasto energético. Pra permacultura não existe um melhor tipo de tecnologia, tudo vai depender do ambiente em que está. Então se no meu ambiente tem muita pedra, vamos construir uma casa de pedra. Se no meu ambiente tem muito barro, vamos construir uma casa de adobe, ou superadobe.</p>
(05:54 - 06:58)	<p>ALEX - A construção com solo, o adobe. O adobe é um bloco de terra, que a gente faz uma mistura de terra, palha, água e um pouco de areia. Então você faz um bloco de solo, esse solo geralmente você pode retirar ele do lugar onde você vai construir, então você já barateia um tanto a sua construção e a durabilidade dele é muito boa. Tem casas em Pirenópolis mesmo que são feitas de adobe, que são datadas com mais de 200 anos, que estão bem firmes. Além disto, uma das vantagens de se construir com terra, uma das vantagens da bioconstrução, é que você consegue ter uma casa com um conforto térmico melhor, uma casa que traz você para um contato maior com a natureza, tira a gente um pouco daquela visão do concreto, do cinza, daquela coisa rígida e o ambiente fica mais harmonioso.</p>
(06:58 - 07:15)	<p>Imagens de natureza e prédios.</p>
(07:15 - 09:12)	<p>ALEX - Hoje, a sociedade da forma como ela está inserida, a forma como a gente tem a nossa vida na</p>

	<p>sociedade, acaba que ela te obriga a fazer uso de diversos tipos de materiais, de alimentos, tem muita embalagem, muito pacote, a gente gera muito resíduo. Quando se gera esse resíduo, a gente tem que caçar formas e meios de reutilizar, reciclar ou encaminhar de uma forma mais sustentável pra natureza. Grande parte dessa cúpula aqui, que vocês tão vendo, foi construída com refugo de material moído, de prédios e casas demolidas, com solo, areia, cimento em prensa. Se eu estou produzindo, eu tenho uma responsabilidade em cima daquilo. Eu tendo responsabilidade eu vou tratar, eu vou reutilizar. O consumo consciente ele leva essa linha de pensamento: será que eu preciso mesmo desse material? Será que eu tenho necessidade de comprar esse produto, ou eu estou comprando simplesmente pra alimentar meu ego ou pra poder suprir a falta de alguma coisa, de algo que está acontecendo comigo. Por que eu estou comprando? Ou simplesmente porque eu vi a propaganda na TV? A gente sabe que, pra cada quilo de lixo que a gente coloca na porta de casa, são gerados em torno de mais ou menos quase de 70kg antes, no processo de produção. Então a quantidade de lixo é imensa, às vezes a gente acha que é só um quilinho que a gente está pondo na porta de casa, mas não é. A gente vê a quantidade de resíduo que a gente gera.</p>
<p>(09:12 - 11:15) GC: Cícero Gomes, gerente de aterro do Sistema de Limpeza Urbana</p>	<p>CÍCERO - O aterro controlado, isso pra mim não existe. Ou é aterro sanitário ou então é lixão. Então aqui em Brasília, pra mim, a gente tem um lixão. A diferença é que o lixão não tem impereabilização nenhuma do solo, ou seja, os lençóis freáticos estão expostos a toda contaminação pela parte hídrica do lixo, que é o chorume. Hoje, a situação da</p>

	<p>destinação adequada do lixo, no Brasil, está um absurdo. As grandes capitais não estão mais tendo área pra destinar o lixo através de lixões. Então com essa mudança da lei que tem que transformar todos os lixões do Brasil em aterros sanitários, eu acredito que seja a saída principal, porque você vai diminuir bastante matéria prima que deve voltar para as indústrias em vez de tar indo para o solo, contaminando os lençóis freáticos. Então hoje a gente tem essa área aqui do lixão, que funciona aqui há 40 anos, uma área nobre, ao lado do Parque Nacional, e agora é que tá se tomando a providência de se construir um aterro sanitário. Esses anos todinho a gente vem poluindo essa área aqui. Então a culpa é de cada um de nós.</p>
(11:16 - 11:26)	Formigas em fila andando na árvore.
(11:18 - 11:49)	<p>ALEX - Eu acredito na capacidade que as pessoas tem de transformar os espaços onde elas vivem. Se a gente investir nessa tecnologia é o caminho, vai chegar uma hora que vai ser assim porque os grandes centros são insustentáveis. Chega um momento que ele exorbita, começa a falta de água, doença e uma série de outras coisas.</p>
(11:49 - 12:31)	<p>DERLAYNE - E aí dessa forma, a importância que essas práticas, a permacultura, a agroecologia, a educação socioambiental têm pro planeta, é de poder retornar o estrago feito e de alguma maneira tentar reparar. Imagine que continuasse tudo e nunca houvesse uma preocupação ambiental, chegaria uma hora que não sobraria nada: os recursos finitos, a gente usando de qualquer maneira, se toda a água que a gente em está poluída, e aí, como é que fica? Então a importância mesmo é para se reestabelecer, para o planeta não acabar, não entrar tudo num colapso.</p> <p>(11:49 - 12:31)</p>

(12:32 - 12:35)	DANIEL - Eu acredito que é uma questão de sobrevivência.
(12:36 - 12:57)	CÍCERO: Bem, hoje se a gente não se educar, se a gente não cobrar dos nossos governantes a maneira adequada do lixo ser coletado e destinado a um local apropriado, a gente não vai ter mais lugar para as futuras gerações. Vai ser um mundo totalmente tomado por lixo.
(12:57 - 13:21)	<p>produzido por: Frederico Gomes e Thiago Herrera;</p> <p>agradecimentos: Sítio Geranium, Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado - IPEC, Aterro da Estrutural, Sistema de Limpeza Urbana, Daniel Lucena e Derlayne Roque, Cícero, Galego e equipe de segurança do Aterro da Estrutural, Alex Fonseca, Jackson, Ivonete, Ricardo, Roni</p> <p>Documentário apresentado como requisito para conclusão do curso de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.</p>